

**A PRÁTICA DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*
EM DISCURSOS INDÍGENAS EM VEICULAÇÃO
NA ALDEIA TUPINIQUIM PAU-BRASIL-ES**

Adriana Recla (PUC-SP; FAACZ-ES)
arecla@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata da prática discursiva e da construção do *ethos* discursivo no processo de desvelamento da identidade do indígena da aldeia Pau-Brasil, localizada na cidade de Aracruz, no Espírito Santo. Seleccionamos como objeto de análise, o relato *A mulher e a cobra* retirado da realidade indígena e publicado em uma coletânea organizada por Edivanda Mugrabi. Propusemos como objetivo examinar a prática discursiva e a construção do *ethos* discursivo, ou seja, a forma como o sujeito enunciator constrói uma imagem de si e revela-se a nós no discurso. O trabalho fundamenta-se nas novas tendências da análise do discurso, nas abordagens de Maingueneau, com o propósito de examinar a prática discursiva e a construção do *ethos* dos sujeitos indígenas da aldeia Pau-Brasil nos discursos em veiculação naquela aldeia, e que carregam mecanismos de (re)construção ideológica, nos quais reconhecemos relações de valores e tensões que arquitetam um percurso gerador de sentidos, possível de ser interpretado. Privilegiamos, por conta disso, os conceitos de interdiscurso, cenografia e *ethos* como elementos indissociáveis que constroem e legitimam o discurso. A análise possibilitou-nos reconhecer o enunciator por meio da cenografia, que confere credibilidade à enunciação, pois que manifesta um *ethos* discursivo, que auxilia na compreensão e explicação de seu entorno e revela aspectos da identidade dos indígenas.

Palavras-chave:

Ethos discursivo. Relato. Análise do discurso. Prática discursiva. Ethos

1. Introdução

O presente artigo tem como tema a prática discursiva e a construção do *ethos* no processo de desvelamento da identidade do indígena da aldeia Pau-Brasil, localizada no município de Aracruz, no estado do Es-

pírito Santo. O objetivo é examinar, em um relato indígena, a forma como o enunciador constrói uma imagem de si (*ethos* discursivo) e revela-se no interior do discurso, por meio dos mecanismos discursivos constitutivos da organização e do funcionamento deste discurso.

Para o estudo proposto, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD), nas perspectivas apontadas por Maingueneau (1997, 2005, 2008, 2010) e selecionamos como objeto de análise, o relato *A mulher e a cobra* retirado da realidade indígena e publicado na coletânea “Os Tupinikim¹ e Guarani contam...”, organizada por Edivanda Mugarbi, em 2005.

Concebemos aqui o relato como discurso, isto é, prática discursiva, na medida em que materializa a cultura, a história social, as relações de interação e de intercâmbio, o sistema de valores indígenas. Daí a relevância desse *corpus* para se desvelar a identidade do indígena de Pau-Brasil.

Enquanto prática social, o relato possibilita aos indígenas da aldeia Pau-Brasil instaurar-se na sociedade e exercerem seus papéis sociais. Isso revela que as manifestações discursivas da sociedade se concretizam na construção de diferentes imagens culturais instituídas a partir de um determinado lugar social por meio da materialização discursiva.

O discurso indígena escolhido constitui um espaço disponível para a verificação da imagem discursiva que o enunciador revela de si por meio da enunciação, a qual é apreendida por meio das marcas linguísticas materializadas no texto, e que pode, por vezes, espelhar o sujeito indígena “empírico”. Assim, analisaremos o relato como realidade inseparável de seu contexto de produção, visto que o discurso envolve a organização social de comunidades discursivas, e dela é parte integrante.

2. Um breve olhar sobre a história dos tupiniquins e da aldeia Pau-Brasil

Os tupiniquins, no Espírito Santo, habitam o município de Ara-

1 De acordo com o dicionário Houaiss (2009) a forma usada é tupiniquim. Contudo, os relatos selecionados para a análise e alguns dos documentos pesquisados registram a grafia tupinikim com “k”. Também não se justifica o uso de iniciais maiúsculas, visto não se tratar de trabalho de etnografia ou ciências afins, exceto em citações literais.

cruz, na região norte do Estado do Espírito Santo, e estão distribuídos em quatro aldeias: Caeiras Velhas, Pau-Brasil, Irajá e Comboios, com aproximadamente 2.000 habitantes. Os indígenas dessas aldeias são descendentes do povo tupiniquim, os quais possivelmente habitavam o litoral brasileiro, quando da chegada dos portugueses ao Brasil.

De acordo com os dados históricos do município de Aracruz, as aldeias indígenas tupiniquins eram constituídas por famílias numerosas que progressivamente eram estendidas e subdivididas pela agregação de outros parentes e afins. Esses povos não possuíam nenhuma preocupação com a posse da terra, o que ocasionava a liberdade de ação e locomoção de cada grupo familiar tupiniquim. Além do mais, o povo tupiniquim dependia basicamente da pesca, da caça, da agricultura e da coleta, com sua subsistência ligada à natureza.

Localizada a 31 km da sede de Aracruz, a aldeia Pau-Brasil possui atualmente cerca de 400 habitantes, os quais sobrevivem da agricultura, por meio da comercialização de produtos, e do artesanato, que é uma maneira de reafirmação de sua cultura. A história desse povo é marcada pelo direito à posse de suas terras. Isso porque no início da década de 60, houve a expulsão de muitos índios da região e a destruição de antigas aldeias.

Diante desse histórico, também é relevante destacar que a questão da luta pela terra trouxe uma profunda relação com a educação diferenciada dos tupiniquins, que conta, ainda hoje, com professores indígenas atuando nas escolas da aldeia. A formação dos educadores indígenas, desde 1994, permite que eles assumam a educação nas aldeias, utilizando o currículo escolar como uma possibilidade de garantia e manutenção da cultura. A coletânea, na qual se encontram os relatos que selecionamos, é fruto desse quadro histórico.

3. A prática discursiva indígena tupiniquim

Na tradição indígena de Pau-Brasil, o relato é um importante gênero discursivo na manutenção da tradição entre as gerações, na “contação” de histórias, na preservação mitológica, nas conversas informais, utilizado historicamente por essa comunidade. Nesse sentido, trata-se de uma prática discursiva ligada à realidade e representa uma significativa esfera discursiva para essa população.

O relato da comunidade de Pau-Brasil emergiu da necessidade de

o indígena documentar, de modo simples e desprezioso, situações vivenciadas por ele ou por algum membro de seu grupo. Isso comprova o quanto o relato produzido pelo indígena de Pau-Brasil revela identidade própria e abre-se a desvelar a imagem dos sujeitos que vivem naquela comunidade.

Cabe-nos destacar que para o índio tupiniquim é de extrema importância o relato porque, por meio dele, há o compartilhamento, a memorização dos costumes passados, permitindo manter vivas as tradições, as crenças e os costumes daquele povo. Dessa maneira, a sabedoria acumulada ao longo do tempo não se concentra em alguns índios do grupo, mas renasce na coletividade da tribo, sendo vivenciada por toda a coletividade por esses discursos.

Nessa perspectiva, o relato indígena em questão narra um conjunto de histórias sobre os rios, as matas, os animais, a pesca, a caça, que completa o sentido da vida indígena, uma vez que expressa a cultura do indígena de Pau-Brasil e representa um grupo étnico bastante significativo para a formação histórico-cultural do município de Aracruz. O relato indígena é, dessa forma, uma prática discursiva resultante de experiências transmitidas pelos membros da aldeia e guardadas na memória coletiva.

4. *Ethos e Cenografia*

Para fundamentar nossa análise, partimos da proposta de que todo discurso pressupõe uma cena enunciativa², que é a base para que o discurso possa ser enunciado. Desse modo, a enunciação cria cenas, onde as partes interessadas naquilo que veicula o discurso negociam um espaço e um tempo, por meio de construções textuais próprias, com objetivos e público-alvo também próprios.

A cenografia define as condições de enunciador e coenunciador, bem como o espaço (topografia), e o tempo (cronografia), a partir dos quais se desenvolve a enunciação. Além disso, a caracterização da ceno-

² De acordo com Maingueneau (2006a) as cenas são: a cena englobante (corresponde ao tipo de discurso a que o texto pertence e é a que nos situa para interpretarmos o discurso do indígena); a cena genérica (está ligada a um gênero, a uma "instituição discursiva", neste caso, ao relato) e a cenografia (trata-se da cena apropriada para um determinado discurso, para validá-lo, torná-lo pertinente, não sendo imposta por um gênero, mas é construída no texto).

grafia ocorre por indícios de vários tipos, entre eles o próprio texto que a torna possível e as indicações paratextuais (um título, a menção a um gênero, entre outros). Não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele. Ela implica um processo de enlaçamento paradoxal, na medida em que é, ao mesmo tempo, a fonte do discurso e aquilo que ele engendra. Ademais, pode apoiar-se em cenas de fala já instaladas na memória coletiva, ou seja, no universo do saber e de valores públicos validados.

Como podemos observar, há uma estreita relação entre cenografia e *ethos*. Isto porque a enunciação estabelece com o coenunciador um modo de comunicação considerado como participando do mundo evocado pelo texto. Nesta perspectiva, o *ethos* está ligado a uma cena enunciativa, na qual o coenunciador se inscreve.

A noção de *ethos* integra-se, assim, à AD, passando a ser concebida como uma voz e um corpo enunciante, historicamente especificado e inscrito em uma situação, muito além de um papel ou estatuto. O *ethos*, caracterizador de uma subjetividade da linguagem, é aqui entendido como construção discursiva. Daí, afirmar que o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, ou seja, ao próprio dizer do sujeito que fala e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador. Pensar nesse *ethos*, portanto, é refletir sobre a manifestação do sujeito no processo discursivo, o qual se materializa na enunciação, deixa marcas no texto, atua no processo de interação e constrói as manifestações discursivas.

5. *A análise do corpus selecionado*

Considerando, assim, os objetivos a que nos propusemos, faz-se necessário proceder à observação da maneira pela qual o enunciador se apresenta e organiza o seu discurso. Recortamos, portanto, como critérios de análise, os mecanismos linguístico-discursivos de que o enunciador lança mão para legitimar o discurso, privilegiando as categorias de pessoas do discurso, tempo e espaço.

Apresentamos o relato *A mulher e a cobra* que transcrevemos a seguir:

Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba morava um casal: Mané Guinelo e Graça. Graça se encontrava próximo aos dias de dar à luz.

Certo dia, ela amanheceu sentindo muitas dores e pediu ao marido para

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

chamar a parteira porque havia chegado o grande momento. Graça deu à luz a um forte menino.

Passados alguns dias, Graça e o seu filho começaram a ficar com uma aparência amarelada. Então, Mané Guinelo, preocupado com o que estava acontecendo, passava a noite muito pensativo a olhar para a sua esposa e seu filho.

Um dia, Mané Guinelo percebeu algo muito estranho embaixo da cama. Cuidadosamente, abaixou-se e viu que era uma cobra em forma de rudia. Desconfiado com aquela cobra, Mané resolveu passar a noite acordado para vigiar o que iria acontecer. No meio da noite, Graça sempre amamentava seu filho ao mesmo tempo em que dormia. Naquela noite, o que viu Mané Guinelo foi aterrador. Uma cobra que se encontrava embaixo da cama da Graça, atraída pelo cheiro do leite, rastejava ligeiramente até Graça e seu filho, retirava a criança do seio da mãe, colocava a extremidade de sua calda na boca da criança e ela se amamentava no seio da mulher.

Foi assim que Mané Guinelo descobriu que era a cobra que estava deixando sua esposa e seu filho com aquela aparência amarelada. Ele pensou que a única solução seria matar a cobra. Não podendo matá-la naquele instante, esperou a cobra se retirar.

Amanheceu, a cobra voltou para o mesmo local onde costumava ficar para dormir. Aproveitando o momento certo, Mané Guinelo matou a cobra com várias pauladas, e de suas feridas jorrava leite.

Após ter matado a cobra, nada mais aconteceu. Graça e seu filho tomaram remédio para se fortalecerem, não chegando assim a morrerem. Mas Graça e Mané Guinelo se desgostaram do lugar por aquelas lembranças e então resolveram partir. (MUGRABI, 2005, p. 179-180)

Contada por Genira Pinto dos Santos (60 anos)

Escrita por Keila e Marideia, e revisada por Educadores de Pau-Brasil.

Vejamos o primeiro recorte:

Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba morava um casal: Mané Guinelo e Graça. Graça se encontrava próximo aos dias de dar à luz. (MUGRABI, 2005, p. 179)

Já no primeiro recorte, o enunciador, em terceira pessoa, apresenta o espaço, a aldeia Pau-Brasil, e, em seguida, os protagonistas: o casal Mané Guinelo e Graça. O relato começa enredando o coenunciador a um lugar, materializado nos dêiticos espaciais *Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba*, situando a topografia na cena enunciativa e criando uma cena narrativa que se constrói em um lar indígena, em que a esposa está prestes a ter o primeiro filho, cena validada na memória coletiva. O texto chega ao coenunciador por meio de sua cenografia e não de sua cena englobante ou sua cena genérica.

Certo dia, ela amanheceu sentindo muitas dores e pediu ao marido para chamar a parteira porque havia chegado o grande momento. Graça deu à luz a um forte menino. (MUGRABI, 2005, p. 179)

Nesse recorte, a cena enunciativa constrói-se, aqui, em torno do nascimento e do papel paterno naquele momento. Na cena construída, a mulher é apresentada como esposa, necessitada de cuidados em decorrência da gravidez, e o filho, como *forte*, possivelmente em referência ao indígena de Pau-Brasil.

Passados alguns dias, Graça e o seu filho começaram a ficar com uma aparência amarelada. Então, Mané Guinelo, preocupado com o que estava acontecendo, passava a noite a olhar para a sua esposa e seu filho. (MUGRABI, 2005, p.179)

É nesse recorte que a constituição do *ethos* discursivo do indígena Mané dá-se em função do caráter - esposo fiel e marido preocupado - e da corporalidade que corresponde não só a uma compleição corporal de Mané, mas também a sua maneira de se movimentar no espaço apresentado. A cenografia apresentada constrói a imagem de Mané como esposo e pai atento, preocupado. Note-se que isso não aparece explicitamente no enunciado, o enunciador não diz eu sou isto, eu sou aquilo, sua imagem é construída na e pela enunciação do enunciador.

Um dia, Mané Guinelo percebeu algo muito estranho embaixo da cama. Cuidadosamente, abaixou-se e viu que era uma cobra em forma de rúdia. Desconfiado com aquela cobra, Mané resolveu passar a noite acordado para vigiar o que iria acontecer. No meio da noite, Graça sempre amamentava seu filho ao mesmo tempo em que dormia. Naquela noite, o que viu Mané Guinelo foi aterrador. Uma cobra que se encontrava embaixo da cama da Graça, atraída pelo cheiro do leite, rastejava ligeiramente até Graça e seu filho, retirava a criança do seio da mãe, colocava a extremidade de sua calda na boca da criança e ela se amamentava no seio da mulher. (MUGRABI, 2005, p. 179)

À medida que a voz do enunciador explicita as atitudes de Mané, delinea-se no discurso um tom cuidadoso e desconfiado reforçado nas marcas linguísticas *percebeu algo muito estranho; cuidadosamente; desconfiado; vigiar*. A sequência do relato conta com várias marcas de tempo: *Um dia; No meio da noite; Naquela noite*. Temos, por meio das duas últimas marcas, a explicitação de que o fato acontecia sempre à noite, marcando a cronografia no fio discursivo.

A cenografia criada acrescenta ao caráter do enunciador o *ethos* de atento, atestado pelo tom discursivo de desconfiança, de incômodo. Assim, Mané espelha o indígena de Pau-Brasil, ao ser apresentado como observador, atento e prevenido. Esses elementos constituem a cenografia

que se desenrola na enunciação, auxiliando na compreensão do modo como se dá a constituição do *ethos* discursivo nesse relato.

Foi assim que Mané Guinelo descobriu que era a cobra que estava deixando sua esposa e seu filho com aquela aparência amarelada. Ele pensou que a única solução seria matar a cobra. Não podendo matá-la naquele instante, esperou a cobra se retirar. (MUGRABI, 2005, p.179-180)

Ao encontrar a solução para a situação, o enunciador materializa a imagem de enunciador colérico, intrépido, o qual não permite que a cobra continue ocupando aquele espaço, o de pai. Instaure-se no discurso o tom desconfiado e, por conseguinte, a cenografia engendra um *ethos* de enunciador atento, desconfiado e destemido, correspondente à imagem do índio tupiniquim. O lugar atestado pela enunciação para o índio tupiniquim é o de esposo e representante dos machos da comunidade. Temos ainda nesse recorte a referência ao enunciado que se dá por meio da marca de tempo *naquele instante*.

Amanheceu, a cobra voltou para o mesmo local onde costumava ficar para dormir. Aproveitando o momento certo, Mané Guinelo matou a cobra com várias pauladas, e de suas feridas jorrava leite. (MUGRABI, 2005, p. 180)

Após ter matado a cobra, nada mais aconteceu. Graça e seu filho tomaram remédio para se fortalecerem, não chegando assim a morrerem. Mas Graça e Mané Guinelo se desgostaram do lugar por aquelas lembranças e então resolveram partir. (MUGRABI, 2005, p. 180)

A cenografia nesse recorte é a de um casal indígena que deixa a aldeia por desgosto, devido a certas lembranças. O tom que emerge do enunciado nesse recorte é o de desconfiança, de segredo, de desgosto enfatizado pela escolha da marca linguística *nada mais aconteceu*. Apesar de a instância enunciativa ser um enunciador em terceira pessoa, a voz do indígena Mané é tecida no texto. Em relação ao tempo criado discursivamente, a cronografia instaura um tempo discursivo do desgosto, do abandono, da distância da aldeia.

Materializa-se no discurso, pelas escolhas linguísticas, um *ethos* de desconfiança, de preocupação do enunciador. No último parágrafo, a afirmação de que *nada mais aconteceu* após Mané ter matado a cobra não se coaduna com a sequência dos fatos e, principalmente, com o desgosto provocado *por aquelas lembranças*. Instaure-se a cenografia da partida, confirmada pelas marcas linguísticas *e eles resolveram partir*. Aliás, o operador *mas* pode estabelecer a ideia de que algo aconteceu e que, por isso, eles decidiram partir.

A morte da cobra põe a imagem do índio como impetuoso, o po-

der do macho na comunidade indígena. A imagem do índio é, por conseguinte, apresentada ao final do texto pelo fiador com um *ethos* discursivo de enunciador impetuoso. Outro aspecto a ser destacado é do uso na enunciação de determinantes como em *sua esposa e seu filho*, marcando a embreagem no enunciado.

Ademais, há a presença do interdiscurso nesse episódio, com as devidas ressalvas, com a história bíblica sobre Eva e a serpente, narrada no livro dos *Gênesis*, em que a serpente se insinua para a mulher, oferecendo-lhe o fruto proibido. Nesse recorte, percebemos explicitamente a presença de outro discurso, que se dá por meio da heterogeneidade constitutiva, visto que há o conhecimento por parte do enunciador da simbologia da serpente, utilizada na tradição indígena e que podemos aproximar ao discurso bíblico, cujo conhecimento pelos indígenas decorre da influência dos religiosos que adentraram as aldeias com o intuito de catequização.

Nesse sentido, a aldeia corresponde à oposição entre o aqui (aldeia) e o lá (lugar desconhecido). Com a exposição dos fatos temos, instalada no discurso, uma cenografia que apresenta uma família indígena à espera de um bebê e, ao final, apresenta a cenografia da família indo embora do seu local de origem, devido ao desgosto passado. Nesse sentido, o *ethos* do enunciador é, no início, mostrado como calmo, e ao final mostra-se como violento, impetuoso, irascível.

Nesse relato indígena, o enunciador, apesar de não ter presença marcada, encontrada em unidades como *eu, me, meu*, apresenta-se como membro da aldeia Pau-Brasil por meio da voz do enunciador em 3ª pessoa. É a subjetividade enunciativa que permite ao enunciador enunciar legitimamente. O tom que dá autoridade ao texto permite ao coenunciador construir uma representação do corpo do enunciador, que não é o corpo empírico. Assim, o *ethos* torna-se eficaz quando, por meio da fala, o fiador constrói uma identidade compatível com o mundo que ele constrói no seu enunciado.

6. Considerações finais

Por meio da análise de aspectos constitutivos dos relatos selecionado como os recursos linguísticos representativos desse gênero, pudemos reconhecer como o discurso materializado no relato *A mulher e a cobra* constitui a imagem do enunciador, ou seja, a imagem que revela

no relato e sua relação com o sujeito indígena “empírico”.

Ressaltamos, também, que esses discursos não nascem sozinhos, outros discursos o perpassam, como o folclórico, o místico, o religioso, supersticioso, entre outros. Não há, assim, como precisar-lhes uma origem, porque eles sempre remetem a outros discursos, constituindo-se em uma relação interdiscursiva.

Nesse sentido, a AD constituiu uma importante metodologia de análise, não só para a compreensão do discurso e da imagem discursivo, mas também para o desvelamento da identidade do indígena de Pau-Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes & Unicamp, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Cenas da enunciação*. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva; Néelson P. da Costa e Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2006a.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2006b.

MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MUGRABI, Edivanda (Org.); *Os tupinikim e fuarani contam...* 2. ed. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; RECLA, Adriana. A constituição do ethos discursivo do indígena da aldeia Pau-Brasil. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Anais – Abralim em Cena Espírito Santo*. João Pessoa: IDEA, 2009, p. 573-581.

RECLA, Adriana. A construção do ethos discursivo no discurso indígena. In: SALEM, Khalil (Org.). *Estudos em linguagem e Educação*. São Paulo: Fiuza, 2012, p. 65-76. (Coletânea Acadêmica de Estudos em Letras e Educação – CAELE).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. Análise do discurso: cenografia e ethos no discursivo indígena. *Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

_____. A construção da cenografia e a constituição do Ethos discursivo em relatos indígenas da aldeia Pau-Brasil. *Saberes Letras*. Vitória, V. 8, n. 01, p. 07 a 19, set./dez. 2010.

_____. *A constituição do Ethos no discurso indígena da aldeia Pau-Brasil*. Dissertação de mestrado em língua portuguesa. PUC, 2009, São Paulo.